

VIRUS

26

O DEBATE DECOLONIAL TERRITÓRIOS

PORTUGUÊS-ESPAÑOL | ENGLISH

REVISTA . JOURNAL

ISSN 2175-974X

CC-BY-NC-AS

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

NOMADS.USP

WWW.NOMADS.USP.BR/VIRUS

DEZEMBRO 2023

NOMADS
USP



VI 26

O DEBATE DECOLONIAL: TERRITÓRIOS THE DECOLONIAL DEBATE: TERRITORIES

EDITORIAL

- 001 O DEBATE DECOLONIAL: TERRITÓRIOS
THE DECOLONIAL DEBATE: TERRITORIES
MARCELO TRAMONTANO, JULIANO PITA, PEDRO TEIXEIRA, THAMYRES REIS, ISABELLA CAVALCANTI, CAIO MUNIZ

ENTREVISTA

- 004 UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL PARA SUPERAR INSUFICIÊNCIAS
A DECOLONIAL PERSPECTIVE TO OVERCOME INSUFFICIENCIES
UNA PERSPECTIVA DECOLONIAL PARA SUPERAR LAS INSUFICIENCIAS
FERNANDO LUIZ LARA

ÁGORA

- 012 LA DIMENSIÓN ESPACIAL DE LA COLONIALIDAD: UNA PROPUESTA INTERPRETATIVA Y OTRAS VOCES IGNORADAS
THE SPATIAL DIMENSION OF COLONIALITY: AN INTERPRETATIVE PROPOSAL AND OTHER IGNORED VOICES
YASSER FARRÉS DELGADO
- 029 ÀS VEZES É FEIO, MAS TÁ NA MODA! POTÊNCIAS, ADIÇÕES E LIMITES DECOLONIAIS
SOMETIMES IT'S UGLY, BUT FASHIONABLE! DECOLONIAL POWERS, ADDITIONS, AND LIMITS
LEO NAME, TEREZA SPYER
- 041 HACIA UNA ONTOLOGÍA POLÍTICA DEL BUEN VIVIR URBANO
TOWARD A POLITICAL ONTOLOGY OF URBAN BUEN VIVIR
PILAR MARIN, ALDO ALOR, ISRAEL ORREGO-ECHEVERRÍA
- 050 A POÉTICA DA RELAÇÃO E AS CIDADES: PERSPECTIVA PARA UMA URBANÍSTICA DECOLONIAL
THE POETICS OF RELATION AND CITIES: PERSPECTIVE FOR A DECOLONIAL URBANISM
CARLOS HENRIQUE MAGALHÃES DE LIMA
- 059 FOSS, CARTOGRAFÍA, COLONIALISMO Y SOBERANÍA EN PARAGUAY Y EL SUR GLOBAL
FOSS, CARTOGRAPHY, COLONIALISM AND SOVEREIGNTY IN PARAGUAY AND THE GLOBAL SOUTH
JUAN CRISTALDO, GUILLERMO BRITZ, SILVIA ARÉVALOS, LISSANDRY RODRIGUEZ
- 087 A PAISAGEM NA CONSTRUÇÃO DO BEM VIVER: O NHANDEREKO NA CAPITAL PAULISTA
THE LANDSCAPE IN THE CONSTRUCTION OF GOOD LIVING: THE NHANDEREKO IN SAO PAULO STATE CAPITAL
LUCAS BUENO, FÁBIO GONÇALVES

- 102 ABORDAGENS DECOLONIAIS PARA PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO
DECOLONIAL APPROACHES TO RESEARCH IN URBAN PLANNING
FABIANA SILVA, CINTIA ALVES, ISABELA SANTOS
- 118 EXPERIÊNCIA NO ALTIPLANO: FLÁVIO DE CARVALHO E A CIVILIZAÇÃO NUA DA AMÉRICA DO SUL
EXPERIENCE ON THE ALTIPLANO: FLÁVIO DE CARVALHO AND THE SOUTH AMERICAN NAKED CIVILIZATION
LEONARDO NOVO, LEONARDO SOUZA
- 127 1984: COLONIALISMO E DISTOPIA
1984: COLONIALISM AND DYSTOPIA
PAULA ALBUQUERQUE
- 136 PROSPECTANDO QUALIDADES RELACIONAIS ANTICOLONIAIS NA EDUCAÇÃO EM DESIGN
PROSPECTING ANTI-COLONIAL QUALITIES IN DESIGN EDUCATION
MARCO MAZZAROTTO, FREDERICK VAN AMSTEL, BIBIANA SERPA, SÂMIA SILVA

PROJETO

- 146 RUMO A UM DESENHO URBANO GENUINAMENTE LATINO
TOWARDS A LATIN-BASED URBAN DESIGN
CARLOS COSTA, CARLOS NOME

PROSPECTANDO QUALIDADES RELACIONAIS ANTICOLONIAIS NA EDUCAÇÃO EM DESIGN PROSPECTING ANTI-COLONIAL QUALITIES IN DESIGN EDUCATION

MARCO MAZZAROTTO, FREDERICK VAN AMSTEL, BIBIANA SERPA, SÂMIA SILVA

Marco André Mazzarotto Filho tem graduação em Desenho Industrial e Doutorado em Design. É Professor Adjunto da Universidade Tecnológica Federal do Paraná e pesquisa práxis contra-hegemônicas e participativas em Design, em aliança com comunidades oprimidas. marcomazzarotto@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/1345982231063887>

Frederick Marinus Constant van Amstel tem graduação em Comunicação Social e Doutorado em Design. É Professor Adjunto da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, com pesquisas que buscam meios de participação democrática e criativa para reconhecer e incluir grupos sociais historicamente oprimidos na atividade de design. usabilidoido@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/9051304038571264>

Bibiana Oliveira Serpa tem graduação em Desenho Industrial e Doutorado em Design. É Professora Assistente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde pesquisa processos de politização em Design e desenvolve projetos participativos junto a movimentos sociais na América Latina. bibianaoserpa@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/9736353473968379>

Sâmia Batista e Silva tem graduação em Comunicação Social e Doutorado em Design. É professora na Universidade Federal do Pará e pesquisa o desenvolvimento da autonomia de grupos periféricos por meio do design participativo. samia79@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/4729136609338902>

ARTIGO SUBMETIDO EM 6 DE AGOSTO DE 2023

Como citar esse texto: Mazzarotto, M., Van Amstel, F. M. C., Serpa, B. O., Silva, S. B. (2023). Prospectando qualidades relacionais anticoloniais na Educação em Design. *V!RUS*, 26, 136-145. <http://vnomads.eastus.cloudapp.azure.com/ojs/index.php/virus/article/view/833>

Resumo

A Educação em Design no Brasil pode ser caracterizada pelo cultivo de qualidades estéticas formais e funcionais típicas de mercadorias produzidas em mercados dependentes. Além de reforçar os estereótipos culturais atribuídos pelos colonizadores aos povos que aqui habitam, tais qualidades contribuem para manter a desigualdade que caracteriza a relação histórica colonial. A Educação Crítica em Design busca transformar esta realidade através da práxis anticolonial. Porém, ainda se sabe pouco sobre as qualidades cultivadas por esse tipo de educação. Com o objetivo de caracterizá-la, realizamos um estudo prospectivo sobre as qualidades relacionais que emergiram da práxis anticolonial da rede Design & Opressão, uma rede formada por projetos de extensão e laboratórios associados em diversas instituições brasileiras. Seguindo a tradição dos movimentos sociais latino-americanos, a escolha pelo termo anticolonial expressa que há uma ação política explícita e aliada às lutas populares nesta práxis, de onde emergem seis qualidades: liberdade, criticidade, solidariedade, autonomia, dialogicidade e monstruosidade. O cultivo destas qualidades oferece novos caminhos para uma formação anticolonial em Design no Brasil.

Palavras-chave: Educação em Design, Pedagogia crítica, Design anticolonial, Paulo Freire, Qualidades relacionais

1 Introdução

O Design se desenvolveu no Brasil como um avatar do discurso colonial anglo-europeu, atuando primariamente como uma ferramenta de manutenção da produção e do consumo dependente das antigas metrópoles. Devido a essa sua origem histórica, esta área está diretamente ligada à manutenção das estruturas que corroem as possibilidades de um futuro sustentável e justo para todos (Escobar, 2018). A realidade ecologicamente insustentável, altamente tecnocrática, economicamente injusta, racista, sexista e violenta em que vivemos no Brasil é também resultado das escolhas projetuais que construíram tecnologias que reforçam a opressão ao mesmo tempo que excluem possibilidades de humanização (Cruz, 2021).

Essas escolhas também impactam a Educação em Design. Como aponta Lesley-Ann Noel (2020), independentemente do país, a Educação em Design é caracterizada pelo viés colonial que prioriza projetos que atendam às grandes economias industriais capitalistas, o que coloca em xeque a validade de conhecimentos e práticas fora desse contexto. Como provocação a esse paradigma colonial imposto, a autora reimagina e sugere currículos pensados a partir de outras perspectivas: currículos para economias vulneráveis, pan-africanos, decoloniais, pluriversais, dentre outros. Mais do que projetos de ensino prontos para serem replicados, Noel faz um convite para repensar a Educação em Design a partir de outras estruturas de existência, buscando se distanciar do jogo colonial.

O presente artigo é uma resposta a esse convite. Partimos da premissa freireana (2019) que educação é um processo de produção de subjetividades através do diálogo intersubjetivo, que se dá em relações de curto a longo prazo. Além da abordagem quantitativa de mensuração de resultados, também é possível medir a qualidade da educação através de construtos empírico-teóricos, tais como autonomia e solidariedade. Essas qualidades servem não só para medir, mas também orientar o processo educativo caso sejam tratadas como princípios pedagógicos. Na Educação em Design, a pesquisa sobre tais qualidades é incipiente e não há orientações específicas sobre pedagogias anticoloniais.

O objetivo desta pesquisa é prospectar qualidades anticoloniais para uma Educação Crítica em Design a partir da práxis dos participantes da rede Design & Opressão, uma rede formada por projetos de extensão e laboratórios associados em diversas instituições brasileiras (Serpa et al., 2021). Ao adotar o conceito de práxis (Freire, 2019), buscamos calcar o cultivo destas qualidades relacionais, tanto pela reflexão teórica sobre a condição colonial quanto pelas ações sociais concretas e continuadas (Boal, 2009) de projetos extensionistas de design. As qualidades relacionais que buscamos não surgem das propriedades formais e funcionais dos objetos criados pelo design, tais como eficácia, usabilidade ou apelo estético, pois estas funcionam prioritariamente como diferenciais de mercado. Qualidades relacionais são aquelas que deslocam nossa atenção para as relações entre objetos, mundos e pessoas (Cipolla & Manzini, 2009). São essas qualidades que conformam o objeto de pesquisa do Design Prospectivo (Van Amstel, Botter &

Guimarães, 2022), que é uma das abordagens que ajuda a guiar esse trabalho no seu objetivo de prospectar presentes alternativos a partir de trajetos passados e projetos futuros.

Seguindo esta abordagem, reconhecemos o trajeto percorrido pela pedagogia crítica no Brasil que, dentre outras, denunciou a cumplicidade entre educação formal e cultura colonial (Freire, 2019; Vieira Pinto, 2021a). Reconhecemos também o potencial de desenvolver projetos com o viés anticolonial que caracterizou esse tipo de pedagogia. Diferentemente de outras pesquisas que utilizam o termo decolonial para se alinhar ao grupo de pesquisadores latinoamericanos Modernidade/Colonialidade (Escobar, 2018), preferimos utilizar o termo anticolonial para caracterizar os trajetos e projetos considerados. Tal termo expressa um caráter de luta e ação política mais explícita do que o termo decolonial, sendo a opção feita por movimentos sociais populares (Makaran & Gaussens, 2020). Esses movimentos preferem se alinhar a uma tradição de pesquisa militante (Serpa, 2023), que remonta à práxis anticolonial de Frantz Fanon (2022) e se expande na pedagogia crítica de Paulo Freire (2019) e Álvaro Vieira Pinto (2021a, 2021b).

2 Pedagogia crítica freireana e a práxis de design

Paulo Freire foi um educador e filósofo brasileiro reconhecido por suas contribuições para a formação da pedagogia crítica, defendendo uma educação engajada na luta pela libertação dos grupos oprimidos, que não pode ser feita sobre ou para esses grupos, mas apenas com eles, de forma dialógica, solidária e relacional. Freire quer evitar, com tal defesa, a invasão cultural (Freire, 2019) que ocorre quando modos de ser e conhecer tidos como inferiores, como de grupos sociais periféricos brasileiros e da própria América Latina como um todo, são suplantados por conhecimentos externos tidos como superiores. Inspirada nos movimentos de libertação da África descritos por Frantz Fanon (2022), a pedagogia freireana pode também ser considerada uma pedagogia anticolonial que visa a autonomia e independência dos povos oprimidos pela colonização. Mais do que aprender a ler e escrever palavras, a pedagogia crítica incentiva os oprimidos a ler o mundo criticamente e, em comunhão, escrever sua própria história.

A pedagogia crítica defende a participação de todos na reflexão sobre o mundo e na construção das ações para sua transformação (Freire, 2019). Nesta visão epistemológica, o protagonismo não é do educador que transmite conhecimentos, mas sim do educando que produz novas interpretações com base na sua realidade. Não é do opressor, que em gesto benevolente devolve a liberdade roubada, mas sim do oprimido que luta pela sua própria libertação. De forma correlata, em projetos de design, o protagonismo não é de designers formados pelo colonialismo, mesmo que reneguem esta origem; mas sim o protagonismo é de todos os grupos sociais que tiveram sua agência nos projetos de mundo negada.

A proposta participativa e dialógica de Educação em Freire teve desdobramentos em diversos campos, incluindo no Design. Suas ideias influenciaram as vertentes mais politizadas do Design Participativo, que fazem menção direta ao seu trabalho (Ehn, 1988). Porém, tais referências foram sistematicamente apagadas e cooptadas pela lógica colonial, principalmente no retorno do Design Participativo para o Brasil como método desvinculado de suas origens críticas e periféricas (Amaral, Maynard & Mazzarotto, 2022). Como resposta anticolonial, as relações do pensamento Freireano com o campo do Design vêm sendo resgatadas em inúmeros trabalhos (Gonzatto, 2018; Noel, 2020; Van Amstel & Gonzatto, 2020; Cruz, 2021; Mazzarotto & Serpa, 2022; Silva, 2022, 2023; Serpa, 2022, 2023).

3 Design Prospectivo e qualidades relacionais

Inspirado na pedagogia crítica freireana, o Design Prospectivo (Van Amstel, Botter & Guimarães, 2022) é uma abordagem que busca contribuir tanto na prospecção coletiva de presentes alternativos, quanto na transformação das estruturas vigentes para que futuros melhores sejam possíveis. Ao contrário de outras abordagens prospectivas focadas apenas na visão de longo prazo, a origem latino-americana do Design Prospectivo impõe reconhecer a urgência das transformações radicais em nossa realidade oprimida e colonizada que precisam acontecer já no presente. Em vez de um tempo determinado pelo passado, o presente é visto como um espaço de possibilidades, ou seja, um espaço em que coexistem diversos presentes, ainda que alguns estejam encobertos pela opressão. Para perceber, identificar e expressar esses presentes alternativos, o Design Prospectivo recorre a uma estética relacional (Bourriaud, 2021).

Tal estética apura a distinção entre as qualidades intrínsecas dos artefatos que fazem parte das estruturas, e as qualidades relacionais que emergem entre os artefatos e os demais atores envolvidos. Perceber essas qualidades relacionais é visto como fundamental para promover transformações estruturais, uma vez que alterar as qualidades intrínsecas de artefatos isolados não é considerado suficiente. Sem esta reflexão crítica, o cultivo de qualidades intrínsecas aos artefatos contribui para a manutenção do colonialismo, pois não vincula artefatos às suas estruturas geopolíticas e culturais de produção e consumo. Além disso, a estética relacional implica em incluir além dos vários artefatos ligados em rede, os diversos atores que se relacionam com e por meio desses artefatos.

4 Contexto do estudo

As qualidades relacionais defendidas neste trabalho emergiram indutivamente das vivências, ações e discussões compartilhadas entre os participantes da rede Design & Opressão¹. Nesse processo indutivo, elas foram identificadas, categorizadas e contextualizadas por abordagens teóricas da pedagogia crítica e do Design Prospectivo. Esta rede funciona como uma plataforma colaborativa e multidisciplinar que busca discutir, analisar e propor ações para questões relacionadas à opressão no campo do Design (Serpa et al., 2021). Ela é composta por designers, acadêmicos, ativistas e outros profissionais interessados no impacto social do Design e em como podemos ressignificar sua origem colonial e orientá-lo a favor dos oprimidos nas lutas de libertação. As atividades da rede Design & Opressão abrangem uma gama de ações que incluem, mas não se limitam a: fóruns de discussão, pesquisa e publicação científica, atividades educativas e de formação crítica, organização de eventos, compartilhamento de recursos educacionais e ações projetuais em aliança com grupos historicamente oprimidos.

5 Qualidades relacionais cultivadas na rede Design & Opressão

5.1 Liberdade

Para Freire (2019), liberdade é a condição indispensável para definir nossa humanidade. Se liberdade é condição inegociável para a humanização, sua ausência leva à desumanização. No lugar de seres livres para si, surge a contradição oprimidos-opressores na qual ambos se desumanizam: os primeiros por terem sua liberdade cerceada, e os últimos por precisarem roubar a de outros para constituir a sua. A ideia de liberdade só adquire plena significação quando comunga com a luta concreta pela libertação: “a liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca” (Freire, 2019, p. 46). Sendo uma qualidade relacional, a liberdade não pode ser entendida como uma característica isolada de um indivíduo, mas sim como uma prática coletiva mediante a qual os indivíduos desenvolvem suas potencialidades (Dalaqua, 2020). Logo, ninguém é livre por si só. A liberdade só ganha sentido na coletividade de sermos livres.

Se a liberdade é nossa vocação ontológica, infelizmente não é realidade histórica, já que relações opressoras, muitas de natureza colonial, limitam a liberdade em inúmeras dimensões sociais: sexual, econômica, étnica-racial, religiosa, territorial, epistêmica etc. Opressões que, de forma intencional ou não, são reforçadas pelo Design, tanto pelos seus resultados quanto pelos seus processos (Mazzarotto & Serpa, 2022). A liberdade precisa ser, portanto, projetada coletivamente como uma qualidade relacional e não como uma característica intrínseca a um objeto, tal como se faz no desenvolvimento de *Software Livre*, por exemplo. Para cultivar liberdade como uma qualidade relacional, a rede Design & Opressão se vale da ideologia do Design Livre (Faber-Ludens, 2012; Van Amstel & Gonzatto, 2016), uma mistura antropofágica de pedagogia crítica freireana com práticas de *Software Livre* e de *Open Design*. Esta perspectiva reflete a resistência cultural em relação à apropriação estrangeira, um tema levantado pelo modernismo brasileiro e sua antropofagia.

Um exemplo de Design Livre são as produtoras culturais colaborativas que surgiram como desdobramento do movimento de Cultura Digital Brasileiro. Essas produtoras utilizaram uma plataforma baseada em *Software Livre*, a Plataforma Corais, para projetar uma metodologia aberta e participativa de produção cultural. Enquanto se projetavam, as produtoras participaram do metaprojeto da

¹ No site da rede estão disponíveis materiais em áudio, texto e vídeo, além de informações sobre participação e ações: <https://www.designeopressao.org/>.

plataforma e desenvolveram um módulo de moeda social em conjunto com outros usuários. O resultado foi a expansão não só da sua liberdade, mas também da liberdade de todos os usuários da plataforma (Gonzatto, Van Amstel & Jatobá, 2021).

Prospectar a liberdade como qualidade relacional central no ensino anticolonial em Design muda drasticamente os ‘porquês’ e ‘comos’ da práxis projetual. No lugar de uma visão neutra, passa-se a uma percepção política de como esta se alinha ou à manutenção das opressões ou à luta pela libertação.

5.2 Criticidade

Para Freire (2019), a partir da observação e discussão crítica sobre o mundo, precisamos desvelar a realidade, tomar consciência e denunciar relações opressoras. Pelo cultivo da criticidade, busca-se identificar as origens da opressão, distinguindo os grupos sociais oprimidos e opressores aos quais pertencemos. Assim, reconhecemos a sombra do opressor em todos nós, latino-americanos, à medida em que compreendemos a marca indelével do colonialismo. Vieira Pinto (2021a, 2021b) e Freire (2018) entendem que há duas formas antagônicas de percepção da realidade: a consciência ingênua e a crítica. A consciência coletiva de um povo transita entre esses dois pólos, cabendo à educação libertadora promover meios de se aproximar cada vez mais da consciência crítica, por ser mais próxima da realidade e possibilitar a percepção das relações opressoras. A consciência crítica reconhece que é condicionada pela realidade e, portanto, precisa investigar como ocorrem tais condicionamentos e como eles podem ser transformados. De forma contrária, a consciência ingênua se considera independente da realidade e não condicionada por esta, de forma que não há porque investigar a realidade contextual. A criticidade, portanto, reconhece que o futuro pode ser diferente, enquanto a ingenuidade tende ao fatalismo de aceitar que tudo sempre foi e sempre será igual, ou ao reacionarismo, ao não entender ou aceitar mudanças.

Nas práticas educativas da rede Design & Opressão, principalmente com estudantes ou designers em atuação no mercado, o fatalismo da consciência ingênua se apresenta em alguns discursos. Muitos expressam a sensação de desconforto com o papel do Design na reprodução do capitalismo e do colonialismo. Entretanto, há um desalento em relação a qualquer possibilidade de mudança, que parece impossível, o que Freire (2019) denomina situações limite. Nosso papel nestes momentos tem sido de valorizar cada vez mais a criticidade, de modo a não só buscar desvelar como operam as opressões, mas também a perceber que outros mundos são possíveis, entendendo a história como possibilidade e não como determinação (Freire, 2015).

Cultivar a criticidade, segundo Serpa (2022), envolve primeiro olhar criticamente para a nossa própria formação e atuação, reconhecendo potencialidades e limitações das nossas abordagens e ferramentas para transformar a realidade. Neste fazer crítico, é imperativo que se reconheça, por um lado, a capacidade dos oprimidos de refletir e elaborar criticamente sobre suas vivências e, por outro, a importância que tem a exposição dos oprimidos a novos temas e práticas de fora do seu cotidiano, que lhes foi negada pelas opressões. Entende-se que, a partir deste encontro solidário e dialógico, novos entendimentos e formas de atuar sobre esta realidade sejam produzidos, desta vez não mais reflexos da imposição colonial, mas uma criação autêntica que considera a realidade subalternizada e suas lutas por emancipação.

Ampliar nossa criticidade não é um processo imediato, pelo contrário, é um processo longo, complexo e que exige comprometimento. Um exemplo está nos resultados do curso *Designs of the Oppressed* oferecido pela rede nos anos de 2021 e 2022. A partir da leitura e discussão de textos sobre pedagogia crítica e formas contra-hegemônicas de Design, e baseada na análise crítica das próprias experiências projetuais, muitos participantes conseguiram expandir seus entendimentos sobre quando suas ações reforçavam e quando combatiam opressões. Em um dos casos, por exemplo, um educador atuante no Oriente Médio conseguiu identificar melhor a reprodução do colonialismo em suas práticas, ao valorizar menos os conhecimentos locais frente às práticas hegemônicas de Design em ações educativas com artesãos (Mazzarotto & Serpa, 2022).

5.3 Autonomia

Freire (2015) denuncia a incorporação de princípios da luta emancipatória como a autonomia, que na prática neoliberal passa a estimular o individualismo e a competitividade. Para Souza (2021), os sentidos de autonomia corrompidos pelo neoliberalismo são encontrados no contexto de ensino em Design. Tem-se, como exemplos, a supervalorização de se ter uma visão singular e marca

autoral única como designer, e ser um estudante proativo na construção do seu aprendizado. Estes significados não representam autonomia, mas um individualismo meritocrático, onde relações sociais são trampolins para benefício próprio. A autonomia, quando entendida como qualidade relacional, é uma elaboração coletiva de por que o mundo funciona do modo como funciona, passando pelo reconhecimento das estruturas como construções que podem ser transformadas. A autonomia é a busca e exercício constante da liberdade e "só é possível se imbricada à coletividade porque é da dança fluida entre liberdades e responsabilidades que emerge o testemunho do aqui e agora com os outros" (Souza, 2021). No lugar da autonomia como reflexo do individualismo imposto pela condição colonial, defende-se a autonomia permeada pela coletividade.

Como exemplo, Souza e Filho (2023) relatam a experiência de estudantes de Design que planejam e executam de forma autônoma e coletiva o evento Préocupe, no Instituto Federal de Pernambuco (IFPE). O evento desafia a lógica tradicional da relação professor-aluno ao propor um ambiente onde as pessoas compartilham experiências e aprendem juntas. Através dos conceitos de trabalho e consciência crítica, a pesquisa revela a proximidade da realidade dos estudantes com a das classes trabalhadoras, ambos trabalhando para terceiros em suas atividades habituais. Neste contexto, a autonomia emerge quando os estudantes envolvidos na organização desenvolvem tanto habilidades de design quanto consciência crítica. Assim, eles desafiam a proliferação da educação neoliberal e contribuem para cultivar práticas próprias e autônomas de pedagogia crítica no ensino de Design.

5.4 Solidariedade

Solidariedade, em Freire (2019), é o princípio de estar com o povo, e nunca propor soluções para ele ou sobre ele, mas com ele. Com base nisso, Serpa e Silva (2021) criticam a prática de empatia no Design como restritiva e despolitizada, limitando usuários à posição de objetos na criação de mercadorias. As autoras defendem a solidariedade como um princípio ético orientador, e afirmam que ela faz parte de uma prática dialógica de Design, na qual é possível uma aliança entre os sujeitos no desvelamento da realidade e no confronto com situações de opressão, através de projetos coletivos. Diferentemente da empatia, a solidariedade implica uma agência compartilhada entre designers e usuários e possibilita uma aliança na luta contra a opressão.

Na relação solidária, as assimetrias de poder não são ignoradas, mas colocadas a disposição e em benefício dos grupos oprimidos. Como defende Fanon (2022), o papel da burguesia colonizada deve ser, justamente, o de trair sua vocação como opressora e colocar a disposição do povo oprimido todos os conhecimentos e recursos que obteve da sua vivência no sistema colonial oriundo da metrópole.

Como exemplos, Silva (2022) descreve como o envolvimento de designers em lutas populares permite a emergência da solidariedade como elemento central, influenciando transformações significativas em projetos participativos, nos quais mais do que o resultado do projeto, o que importa é o crescimento e emancipação dos envolvidos. Eleutério e Amstel (2023) relatam a experiência da designer em solidariedade com uma rede de mulheres produtoras de café, destacando a importância do cuidado como um elemento agregador. Cuidado que abrange não apenas o suporte técnico, mas uma consideração respeitosa das necessidades, desafios e capacidades umas das outras. Serpa (2022) apresenta uma experiência pedagógica em contexto intercultural, no âmbito do desenvolvimento internacional, onde a construção de solidariedade é fator-chave para a apropriação do processo de design por diferentes sujeitos. A solidariedade, neste caso, é impulsionada pela extrapolação das relações para além do espaço de projeto, e pelo reconhecimento de que as comunidades têm formas próprias de organização, participação e métodos particulares para efetivá-la.

5.5 Dialogicidade

Para Freire (2019), nossas ações como designers ou educadores podem ser dialógicas ou antidialógicas. A práxis dialógica ocorre quando a reflexão sobre o mundo e ação para transformá-lo são participativas, horizontais, considerando as vozes e saberes de todos, confiando nas suas capacidades e reconhecendo o direito de criarem o mundo em que querem viver. Do lado oposto, na ação anti-dialógica, hierarquias e relações assimétricas de poder são reforçadas. Um grupo passa a ter autoridade para decidir quais conhecimentos são válidos e qual é o modelo de mundo que devemos construir, cabendo aos demais aceitar esses desígnios.

Ao valorizar a qualidade relacional da dialogicidade, reconhecemos que, entre educadores e educandos, designers e demais sujeitos interessados em um projeto, ou aliados externos e grupos sociais oprimidos, todos têm algo a ensinar e a aprender. O diálogo entre diferentes vozes e experiências pode produzir novos conhecimentos e ações fundamentais na luta pela superação do colonialismo e demais opressões. Isto inclui assumir que podemos inclusive nos valer de conhecimentos que venham das metrópoles coloniais, desde que discutidos criticamente, reformulados e adaptados a partir do nosso contexto e interesse como oprimidos e designers latinoamericanos. Processo antropofágico que Freire (2019) denomina síntese cultural, uma reconfiguração dialógica guiada pelos nossos interesses e contexto, e uma resposta anticolonial à invasão cultural que busca impor conhecimentos e práticas sem diálogo e reflexão crítica.

Como forma de auxiliar na promoção de práticas de design dialógicas, assim como evitar o antidiálogo opressor, Mazzarotto e Serpa (2022) desenvolveram um material educativo composto de 16 cartas reflexivas baseadas na pedagogia crítica freireana. Divididas em conceitos dialógicos e seus opostos, o material tem como objetivo auxiliar na reflexão crítica sobre a práxis de design, assim como planejar ações projetuais que se aproximem cada vez mais da dialogicidade. Essas cartas ajudaram na análise de ações da ONG latinoamericana TETO em conjunto com movimentos populares por moradia. Em uma ação intencionada para melhorias na comunidade, porém aplicada de forma antidialógica, a ONG buscou resolver o problema da falta d'água em uma favela a partir da instalação de sistemas de captação da chuva nas moradias. Do ponto de vista dos designers, era uma solução de baixo custo e alinhada com princípios da sustentabilidade. Porém, poucos meses depois, verificou-se que os sistemas haviam sido desmontados porque os moradores preferiram usar as caixas d'água fornecidas para outros fins, seja para vendê-las ou para armazenar a própria água desviada do sistema público. Aproveitar a água da chuva era uma ideia alheia à cultura da maioria e sem ressonância com o contexto local. A solução falhou porque foi desenvolvida a partir da visão de designers externos impondo modelos que funcionam em seus contextos originais sem dialogicidade com a cultura local.

Em outro projeto, entretanto, a população e a ONG trabalharam em conjunto para pavimentar as ruas da comunidade, que eram de barro e ficavam intransitáveis em épocas de chuva. Em vez de trazer soluções externas, o diálogo focou em aproveitar os conhecimentos e habilidades da própria comunidade. O resultado foi a pavimentação por meio de pedras piladas no pavimento pelos próprios moradores. Uma solução barata, de baixo uso tecnológico, idealizada por eles e passível de manutenção pela própria comunidade. Nesse diálogo, a ONG ajudou com conhecimentos sobre como redigir projetos e buscar financiamento, e que foi um pedido da própria comunidade.

5.6 Monstruosidade

Desde a colonização, os povos originários e nós latinoamericanos no geral fomos conceituados como monstros ao sermos considerados diferentes e selvagens pelos colonizadores. A qualidade da monstruosidade consiste justamente em aceitar e ressignificar essa diferença. Significa assumir que somos monstros e que temos uma cultura de hibridismos e miscigenação que nos torna diferentes dos demais.

Baseados nisso, Angelon e Van Amstel (2021) identificaram que, em meio aos territórios colonizados onde o cânone do Design moderno tem preponderância sobre outras formas de expressão, emerge uma qualidade anticolonial de alteridade radical que pode afirmar positivamente a monstruosidade. Ao comparar os trabalhos de design produzidos em uma série de experimentos de design democrático em uma universidade brasileira com obras de arte do movimento Neoconcreto, os autores descobriram uma forma de expressão que batizaram de estética monstruosa. Essa estética representa uma afirmação positiva de alteridade e coletividade que desafia os padrões coloniais de beleza impostos aos colonizados. Todas as regras de Design Gráfico conhecidas pelos estudantes foram quebradas no projeto em questão para produzir a qualidade da monstruosidade. Essa mesma monstruosidade foi também exibida em uma peça de teatro fórum remota, quando a personagem da peça trocou de figurino virtual diversas vezes durante uma mesma cena, tal como um monstro metamorfo (Saito et al., 2022).

6 Considerações finais

Como nos lembra Lorde (2007), as ferramentas do mestre nunca irão dismantlar a casa do mestre. Elas podem no máximo permitir temporariamente ganhar dele em seu jogo, mas nunca vão nos possibilitar a mudança genuína. É a partir desta perspectiva que defendemos que a Educação em Design deve superar a ênfase em qualidades puramente estéticas e funcionais dos objetos, herança da educação colonial. Considerada de forma isolada e acrítica, essa ênfase nos direciona exclusivamente para a criação de artefatos para o consumismo capitalista. Em busca de uma Educação Crítica em Design, apresentamos reflexões e exemplos de ações que vêm sendo realizadas para a valorização de qualidades relacionais. Tais qualidades emergem da interação entre os diversos sujeitos e grupos sociais envolvidos em um projeto, considerando dialeticamente as diferentes vozes, culturas, interesses e desejos envolvidos.

Assim, esta pesquisa buscou identificar as qualidades relacionais marcadamente anticoloniais que podem ser cultivadas por uma Educação Crítica em Design, um presente alternativo que já existe na práxis da rede Design & Opressão, mas que ainda não havia sido desvelado e documentado. As qualidades relacionais que prospectamos para a Educação em Design vinculam-se à prática coletiva de projeto: liberdade, criticidade, solidariedade, autonomia, dialogicidade e monstruosidade. A partir delas reconhecemos que todos têm agência para projetar a si próprios e o mundo (liberdade) e que tal prática está alicerçada na criticidade para superar as opressões que impedem e constroem a capacidade projetiva. Este tipo de projeto visa a libertação em suas próprias abordagens e métodos, e por isso devem valorizar as qualidades da autonomia, da solidariedade e da dialogicidade entre todos os participantes. Por fim, entendemos que os resultados estéticos podem superar a visão canônica do Design, aceitando as nossas diferenças e monstruosidade como afirmação radical de nossa alteridade.

As qualidades relacionais descritas pelo presente estudo não têm a pretensão de excluir outras, mas emergiram prospectivamente a partir de nossos estudos na literatura anticolonial (Freire, 2015, 2018, 2019; Fanon, 2022, Vieira Pinto, 2021a, 2021b) e da nossa práxis coletiva como designers e educadores na Rede Design & Opressão. Elas buscam prospectar um presente alternativo anticolonial para Educação em Design que fomente outras possibilidades para além da orientação capitalista dependente. Essas qualidades relacionais impulsionam a formação de designers críticos, solidários aos interesses genuínos de grupos sociais oprimidos e comprometidos com as lutas pela superação das opressões, que surgem do colonialismo, mas não apenas desse sistema.

Referências

- Amaral, M., Maynard, L., & Mazzarotto, M. (2022) Paulo Freire e design participativo: contribuições, ausências e apagamentos. In *Anais do 14º P&D Design*. Rio de Janeiro, Brasil. <https://doi.org/10.5151/ped2022-2554593>
- Angelon, R., & Van Amstel, F. M. C. (2021) Monster aesthetics as an expression of decolonizing the design body. *Art, Design & Communication in Higher Education*, 20(1), 83-102. https://doi.org/10.1386/adch_00031_1
- Boal, A. (2009). *A estética do oprimido*. Garamond.
- Bourriaud, N. (2021). *Estética relacional*. Adriana Hidalgo Editora.
- Cruz, C. (2021) Brazilian grassroots engineering: a decolonial approach to engineering education. *European Journal of Engineering Education*, 46(55). <https://doi.org/10.1080/03043797.2021.1878346>
- Cipolla, C., & Manzini, E. Relational Services. (2009) *Knowledge, Technology & Policy*, 22(1), 45-50. <https://link.springer.com/article/10.1007/s12130-009-9066-z>
- Dalaqua, G. H. (2020) O que é opressão. In: *Aprenda a dizer a sua palavra*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2020, 81-88.
- Ehn, P. (1988) *Work-oriented design of computer artifacts*. Tese (Doutorado). Umeå University, Faculty of Social Sciences, Umeå, Suécia.

Eleutério, R., & Van Amstel, F. M. C. (2023) Questões de cuidado na formação de uma coalizão de design feminista. *Arcos Design*, 16(1), 375-401. <https://doi.org/10.12957/arcosdesign.2023.71093>

Escobar, A. (2018). *Designs for the Pluriverse: Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds*. Durham and London: Duke University Press.

Fanon, F. (2022) *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Zahar.

Freire, P. (2015). *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra.

Freire, P. (2018). *Conscientização*. São Paulo: Cortez.

Freire, P. (2019). *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.

Gonzatto, R. F. (2018). *Usuários e produção da existência: contribuições de Álvaro Vieira Pinto e Paulo Freire à interação humano-computador*. Tese (Doutorado), UTFPR. <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/3794>

Gonzatto, R. F., Van Amstel, F., & Jatobá, P. H. (2021). Redesigning money as a tool for self-management in cultural production, in *Pivot 2021: Dismantling/Reassembling*, 22-23 July, Toronto, Canada. <https://doi.org/10.21606/pluriversal.2021.0003>

Instituto Faber-Ludens (2012). *Design Livre*. São Paulo: Clube dos Autores. <https://designlivre.org/downloadlivro/>

Lorde, A. (2007) The Master's Tools Will Never Dismantle the Master's House. In: *Sister Outsider: Essays and Speeches*. Ed. Berkeley, CA: Crossing Press.

Makaran, G., & Gaussens, P. (2020) Autopsia de una impostura intelectual. In: *Piel blanca, máscaras negras - Crítica de la razón decolonial*. México: Bajo Tierra A.C. y Centro de Investigaciones sobre América Latina y el Caribe-Universidad Nacional Autónoma de México.

Mazzarotto, M., & Serpa, B. (2022). Cartas (anti) dialógicas: politizando a práxis em Design através da pedagogia crítica de Paulo Freire. *Arcos Design*, 15(1). <https://doi.org/10.12957/arcosdesign.2022.64305>

Noel, L. (2020) Envisioning a pluriversal design education. In *Pivot 2020: Designing a World of Many Centers - DRS Pluriversal Design SIG Conference*. <https://doi.org/10.21606/pluriversal.2020.021>

Saito, C., Serpa, B. O., Angelon, R., & Van Amstel, F. (2022). Coming to terms with design wickedness: Reflections from a forum theatre on design thinking. In *DRS2022: Bilbao*, Spain. <https://doi.org/10.21606/drs.2022.668>

Serpa, B. O. (2022). *Por uma politização do design: caminhos entre o feminismo e a educação popular*. Tese (Doutorado em Design) – Escola Superior de Desenho Industrial, UERJ, Rio de Janeiro. <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/19197>

Serpa, B. (2023). Militant Design Research: A Proposal to Politicize Design Knowledge-making. *Diseña*, v. 22, Article.4. <https://doi.org/10.7764/disena.22.Article.4>

Serpa, B. O.; Silva, S. (2021) Solidarity as a principle for antisystemic design processes: two cases of alliance with social struggles in Brazil. In *Pivot 2021: Dismantling/Reassembling*, Toronto, Canada. <https://doi.org/10.21606/pluriversal.2021.0004>

Serpa, B. O., Van Amstel, F. M. C., Mazzarotto, M., Carvalho, R. A., Gonzatto, R. F., & Batista, S. (2021) Design como prática de liberdade: a Rede Design & Opressão como um espaço de reflexão crítica. In Alvear, C; Cruz, C; Kleba, J. (Eds.). *Formação para práticas técnicas engajadas*, Volume II. Campina Grande: Eduepb.

Silva, S. B. (2022) *Design nas bordas: juventude periférica, re-existências e decolonialidade em Belém do Pará*. Tese (Doutorado em Design) – ESDI/UERJ, Rio de Janeiro. <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/18690>

Silva, S. B. (2023). Design In and From the Periphery: Building a Praxis of Resistance through Collective Investigations. *Diseña*, 22. <https://doi.org/10.7764/disena.22.Article.3>

Souza, E., & Cunha Filho, P. C. (2022). La huelga de estudiantes como práctica pedagógica crítica en la enseñanza del diseño gráfico. *Diseña*, 21. <https://doi.org/10.7764/disena.21.Article.5>

Souza, E. (2021). *Isso não é uma autonomia*. Revista Recorte: Ano 1. São Paulo: Passeio Edições e Comércio. <https://revistarecorte.com.br/artigos/isso-nao-e-uma-autonomia/>

Van Amstel, F. M. C., Botter, F., & Guimarães, C. (2022). Design Prospectivo: uma agenda de pesquisa para intervenção projetual em sistemas sociotécnicos. *Estudos em Design*, 30, 90-108. <https://doi.org/10.35522/eed.v30i2.1458>

Van Amstel, F. M. C., & Gonzatto, R. F. (2016). Design Livre: designing locally, cannibalizing globally. In *XRDS*, 22(4), 46-50. <http://dx.doi.org/10.1145/2930871>

Van Amstel, F. M. C., & Gonzatto, R. F. (2020). The anthropophagic studio: towards a critical pedagogy for interaction design. *Digital Creativity*, 31(4), 259-283. <https://doi.org/10.1080/14626268.2020.1802295>

Vieira Pinto, A. V. (2021a). *Consciência e realidade nacional: a consciência ingênua - volume I*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Vieira Pinto, A. V. (2021b). *Consciência e realidade nacional: a consciência ingênua - volume II*. Rio de Janeiro: Contraponto.